

Senhores ...

Uma das nossas mais belas tradições --- a da saudação a quem receba a Medalha Teixeira de Freitas --- é de ser cumprida, por quem exerça o ofício de orador do Instituto, com justo comedimento. Justo na medida em que preciso, cingido. Adequado. Nada com a Justiça em sentido transcendente. A homenagem, a saudação, para ser justa, há de ser breve, incisivamente. Justa e precisa.

Não me deixarei conduzir pela fascinação do discurso em si, por si. O belo, para sê-lo, há de ser discreto. Comedido, serenamente contido. De Teixeira de Freitas não repetirei o quanto todos sabem. Aqui o conhecemos muito bem, esse nosso consócio que é como se estivesse aqui, agora --- como, em verdade, está.

Alguém que apreciava as leis não pelo seu fixo enunciado verbal. Alguém que sabia que a realidade é o substrato do direito. Que afirma, no Esboço¹, que “[s]em fatos que engendrem direitos (...) não pode existir direito algum”.

Teixeira de Freitas as apreciava, as leis, não enquanto enunciados verbais cristalizados, porém por conta de seus conteúdos, que se amoldam ao presente, ao instante de agora, em razão do movimento da vida social. De sorte que os enunciados dos textos

¹ Ministério da Justiça e Negócios Interiores, Rio de Janeiro, 1.952, comentário ao artigo 431 pág. 231.

normativos assumem diversas significações normativas à luz da realidade. Anos à frente do seu tempo, intuía a distinção entre *texto* e *norma*, consciente de que a hermenêutica do direito compreende a interpretação não somente de textos normativos, mas também dos fatos aos quais hão de ser aplicados; e, mais, da realidade, no seu todo.

Afirmaria, por exemplo --- se realmente cá estivesse --- a contemporaneidade da Constituição de 1988 tal e qual hoje, aqui e agora interpretada/aplicada, de sorte a resultar conformada à natureza singular do presente.

Um homem do seu tempo e mais adiante, Teixeira de Freitas --- permitam-me repetir o que afirmei aqui mesmo, há onze anos --- um homem do seu tempo, porém com a visão aguçadamente voltada ao futuro. Por isso viveu conflitos, intensamente. Ora privilegiando o respeito ao Estado de direito --- como se deu na polêmica com Caetano Alberto Soares, aqui mesmo (repito) no IAB² --- ora prevalecendo sua independência e rebeldia, sempre reafirmadas.

É de certa forma em seu nome que devo saudar José Afonso da Silva.

O que dizer? Por onde começar? O jurista, nós o conhecemos. *O menino modesto de Pompéu* --- disse-o Dalmo de Abreu Dallari ao saudá-lo, quando recebido

² Sílvio Meira, *Teixeira de Freitas - o jurisconsulto do Império*, Livraria José Olympio Editora, Brasília, 1.978, págs. 85 e ss.

pela Congregação da Faculdade de Direito de São Paulo, em setembro de 1975. “*O menino modesto de Pompéu atravessou as montanhas e veio conhecer o mundo. E o mundo o conheceu. Sua vida e sua obra, revelando sua origem, ecoam como um canto barroco produzido nas Minas Gerais, entremeando gravidade e solidez com riqueza e esplendor, pleno de espiritualidade, numa busca incessante do infinito*”³.

Em suas memórias da Faculdade, Zé Afonso --- qual o chamamos --- conta da chegada do alfaiate à Doutoral da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, a Velha e sempre Nova Academia⁴. O professor, o Secretário de Estado, o consultor que pôs suas marcas na Constituinte de 1988. Há, no seu texto, traços de seu estilo, seus talhos, sua costura.

Somos multifacetados. Todo ser humano é múltiplo de si mesmo, alguns dos seus olhares por vezes prevalecendo sobre outros. Por isso não consigo escapar, curvo-me ao impulso de mencionar ao Zé Afonso outro, mas ele mesmo, que talvez nem todos aqui conheçam.

Refiro-me, para começar, a Miguelão Capaégua, cuja absurda estória “não está no seu acontecer, mas no seu contar torto e enviesado”, como ele diz nas primeiras linhas desse belo romance, *Buritizal* --- hoje Silva Campos, bairro de Pompéu, lá nas Minas Gerais.

³ V. José Afonso da Silva, A Faculdade e meu itinerário constitucional, Malheiros Editores, São Paulo, 2007, p. 626.

⁴ Ob. cit., p. 624.

Desse primeiro romance do Professor José Afonso da Silva --- 1997 --- diz Ignácio de Loyola Brandão: “O insólito deste livro reside numa qualidade perdida da literatura brasileira, pelo preconceito e pela urbanização total em que mergulharam os autores. *Buritizal* tem cheiro de Brasil, cheiro de terra e nos devolve paisagens bucólicas, sem o sentido pejorativo que esta palavra toma. Atrás deste bucolismo corre sangue vivo, rastejam violência, mentiras, sexo, superstições, medo”.

Depois, em 2001 --- com a observação de que veleidade não é talento, mas alisa o ego --- *Dondé: um romance*. O inesquecível Dondé, um sonho bom de sonhar.

Um pé no direito, outro na literatura. Como um ou outro de nós --- mesmo eu --- de quando em quando se aventura. Prudentemente, no entanto. Jamais misturando esses gêneros. Não como tem ocorrido ultimamente, tempo estranho que vivemos, magistrados não se limitando á função de tomar decisões, mas se exibindo, fazendo firulas para a galeria...

Deixem-me retornar ao jurídico, pois. À Faculdade e ao itinerário constitucional de Zé Afonso. Em suas memórias da Faculdade conta dos concursos de que participou. Em relação a um deles mencionando a presença, entre os barbudos comunistas que lhe vieram dar apoio, de um tal de Eros Grau, “que ainda não era da Casa, mas professor na Fundação Getúlio

Vargas e que, com Antonio Angarita, comparecera para assistir às provas do concurso”⁵.

Mundo redondo: anos depois o Professor José Afonso foi um dos membros da banca do meu concurso para Professor Titular da Faculdade.

Vejam que estou a saudá-lo não somente como quem cumpre o ofício de orador do Instituto, mas também como seu colega nas Arcadas do Largo de São Francisco. Feliz como estive e sou, --- não posso deixar de dizê-lo --- por fruir da honra de ter saudado Benedito Calheiros Bomfim, em maio de 2001, na solenidade de entrega, a ele, exatamente da Medalha Teixeira de Freitas. E mais --- perdoem a expansão --- porque a recebi eu mesmo, essa medalha, há quase exatamente onze anos, em março de 2003, aqui mesmo, nesta sala que me encanta.

Hoje os festejamos, os dois, Teixeira de Freitas e ele. Há a mão de José Afonso na Constituição escrita em 1988. Traços que lá estão, marcas dos dedos do menino modesto de Pompéu que atravessou montanhas e veio conhecer o mundo, para que o mundo o conhecesse.

Assim o saudamos, meu caro Professor. Teixeira de Freitas, sorrindo para todos nós, pela minha voz o saúda.

⁵ Ob. cit., p. 615.

Discurso de Saudação ao Professor José Afonso da Silva, na ocasião do recebimento da Medalha Teixeira de Freitas, em 2 de abril de 2014